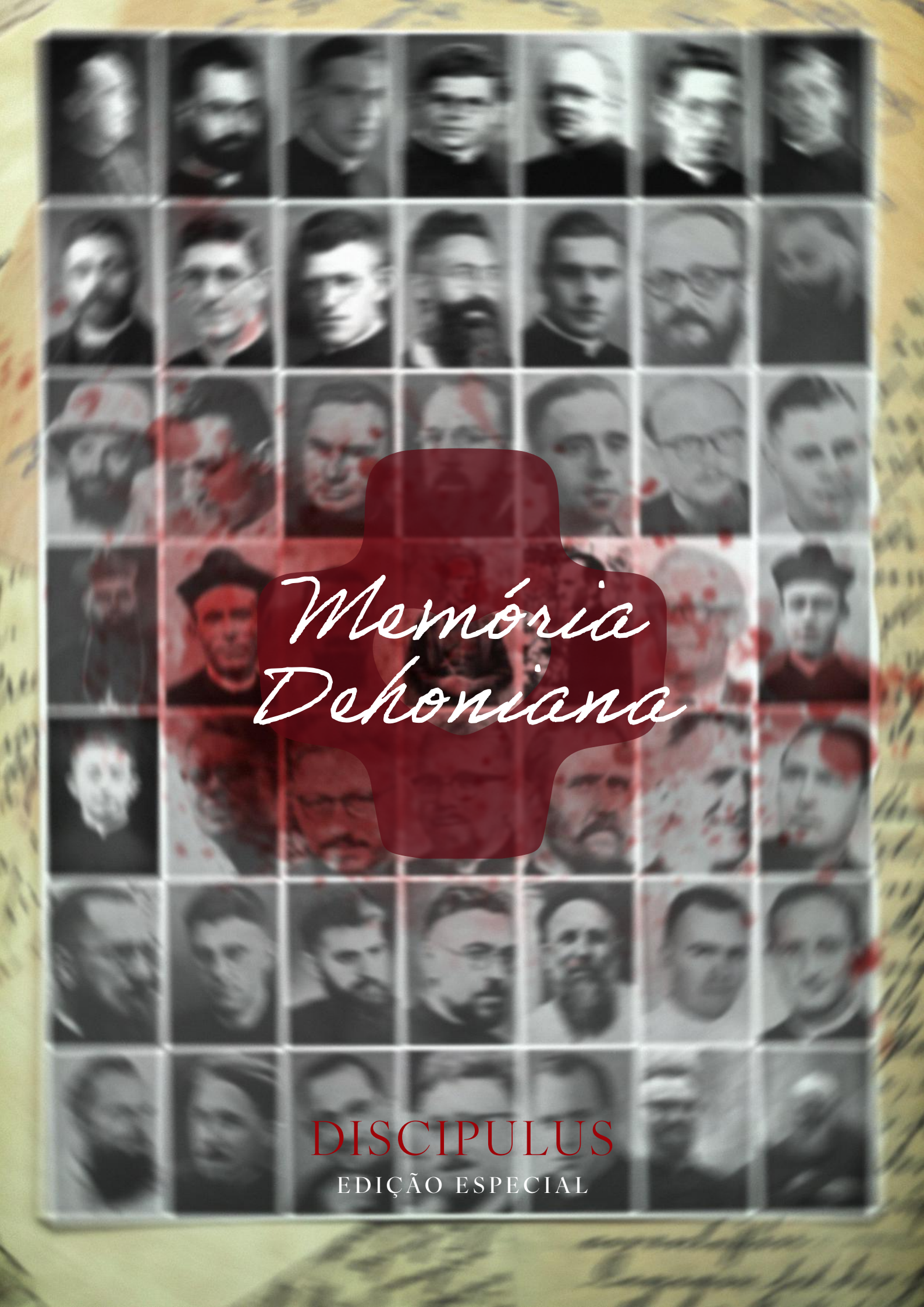


DISCIPULUS

EDIÇÃO ESPECIAL



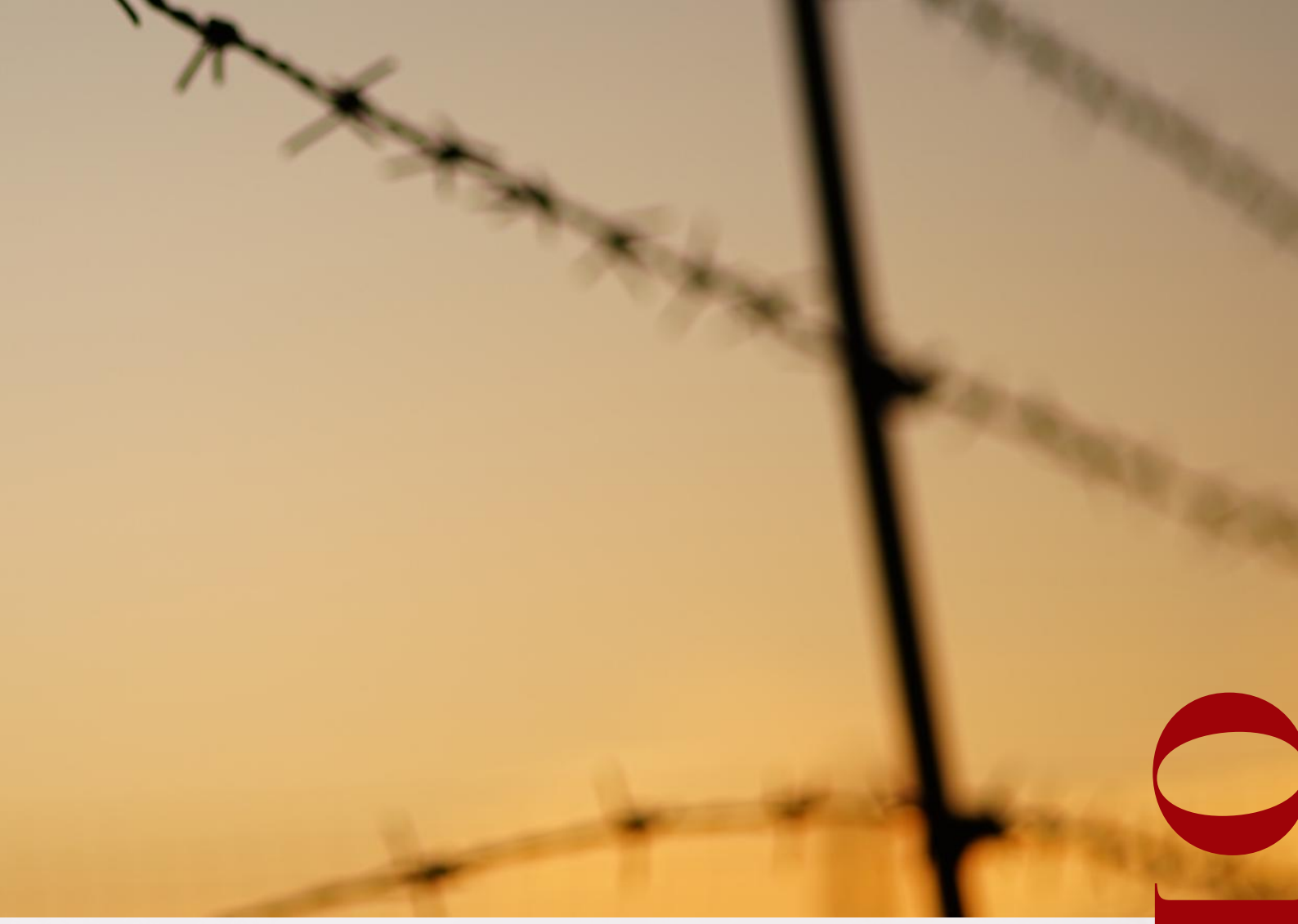
EXPEDIENTE

Diretor: P. Renato Vieira Lima, SCJ.

Conselho Editorial: P. Renato Vieira Lima, SCJ; Fr. Artur Hang, SCJ; Fr. Djonatan Engelmann, SCJ; Fr. Leonardo Jacomelli, SCJ.

Design e Diagramação: Maria Eduarda Oliveira Batista.

Congregação dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus | Província BRM
Sede Provincial, Seminário Sagrado Coração de Jesus, Corupá - SC.
26 de novembro 2024.



SUMÁRIO

8 Uma memória perpetuada

10 Dia da Memória Dehoniana

12 Recordar, memorizar e atualizar

14 Dia da Memória Dehoniana:
Um pouco de "teologia martirial"

20 Galeria dos Mártires Dehonianos

24 A união com Cristo no martírio silencioso

28 Maria Santíssima
A Rainha dos Mártires

32 Linha do tempo



Consagrei-me unicamente a Jesus. Procurarei agradar-lhe e reconhecer que tudo quanto me acontece é sua vontade. Não emiti os votos? Manter-me-ei calma, nos momentos de alegria e nas dificuldades, na doença e na provação. Sim! É preciso aceitar tudo! Não foi para isso que vim para aqui? [...] Não procures alegria fora de Jesus. Não te preocupes com nada. O mais importante é saber o que Jesus quer de mim quando me manda alguma coisa. Se procuro a minha alegria fora de Jesus, fica a saber, minha alma, que não poderás encontrar consolação. Jesus, dá-me o espírito de oração e de fidelidade para observar a minha regra! Dá-me a força para não confiar em mim mesma dizendo: 'Não há perigo!'. Virgem prudente, que eu saiba ser prudente... Aceitarei tudo o que me acontecer, porque Deus o quer. Vim para aqui para seguir a quem? As superioras? As meninas? Os homens? Nada disso.

Foi pelo meu bem amado Jesus que eu vim.

(Do Diário da **Beata Maria Clementina Anuarite Nengapeta**, companheira de vida e de martírio de nossos irmãos Dehonianos que foram coroados com o martírio, no Congo, em 1964)

Memória Dehoniana

Caríssimos confrades e muito prezados membros da nossa grande Família Dehoniana!

"Feliz quem tiver a sorte de derramar seu sangue por Nosso Senhor"
(Beato Juan María de la Cruz, SCJ).

Celebramos, neste dia 26 de novembro, o Dia da Memória Dehoniana. Fazemos esta memória celebrativa, todos os anos, desde 2004, quando D. José Ornelas Carvalho, SCJ, então Superior Geral e atual bispo de Leiria-Fátima, a instituiu, para que recordássemos de todos aqueles dehonianos que viveram a sua oblação até a radicalidade do derramamento de seu sangue em fidelidade à vocação e, assim, à pessoa de Jesus Cristo.

A semente dessa celebração já fora plantada precedentemente, pelo P. Virginio Bressanelli, então Superior Geral e atual Bispo Emérito de Neuquén, quando, ao anunciar a aprovação do Decreto de Martírio do Beato Juan María de la Cruz, em 2000, divulgou um elenco com algumas figuras significativas que deram sua vida a Deus na Congregação e que são-nos modelo de entrega e de vida religiosa.

Em 2007, Papa Bento XVI insistiu na necessidade de "propor de novo o exemplo dos mártires cristãos, tanto da antiguidade como de nossa época, em cuja vida e testemunho, levados até o derramamento de sangue, se manifesta de forma suprema o amor de Deus".

Sabemos que são diversas as formas de martírio que se nos apresentam no tempo presente. Há o martírio de sangue, ainda muito presente em diversas regiões, mas há o martírio da suportação paciente da hostilidade à fé, da incompreensão, da ganância de algumas nações, dos projetos pessoais de poder que se impostam, às vezes até na vida eclesial e religiosa, e que causam dano às outras pessoas.

Queremos, portanto, nesta edição especial da *Revista Discipulus*, *re-cordare* de cada uma dessas figuras que viveram o martírio de sangue e rezar por todas aquelas que, ainda hoje, a seu modo e da forma como Deus lhes pede, têm vivido o seu martírio, no sentido de, mesmo diante das dificuldades deste tempo e de cada contexto, darem testemunho da fé e corresponderem ao amor de Deus com a oblação da própria vontade e da própria vida.

Já que "o sangue dos mártires é semente de novos cristãos", como diria Tertuliano, que a celebração da memória dehoniana nos ajude a viver com maior inteireza a nossa consagração e os "martírios", que, por ventura, o Senhor nos pedir.

In Corde Iesu.
P. Renato Vieira Lima, SCJ
Secretário Provincial

UMA MEMÓRIA PERPETUADA

Na carta apostólica de preparação para o Grande Jubileu do ano 2000, a Tertio Millennio Adveniente, João Paulo II propôs-se a recuperar a memória dos cristãos que morreram em nome da fé, no século XX: "No nosso século, voltaram os mártires, muitas vezes desconhecidos, como 'soldados desconhecidos' da grande causa de Deus. Na medida do possível não pode perder-se na Igreja o seu testemunho" (TM, 37).

Depois desse apelo, a Santa Sé constituiu a Comissão dos Novos Mártires, que já recolheu e catalogou mais de doze mil histórias de cristãos mortos pela fé, no século XX, em todo o mundo (cf. o livro de Andréa Riccardi, O Século do Martírio - os cristãos no século XX, Mondadori, Milão, 2000). O objetivo não era o de iniciar processos de beatificação e canonização, mas de recordar e contar histórias de cristãos que morreram porque eram cristãos:

> *"A história do seu assassínio é a história da sua fraqueza e derrota. E justamente na sua condição de extrema fraqueza, os cristãos revelaram uma força peculiar de caráter espiritual e moral: não renunciaram à fé, às próprias convicções, ao serviço dos outros e da Igreja, para salvaguardar a própria vida e garantir a sobrevivência. Manifestaram uma grande força, mesmo em condições de extrema fraqueza e de grande risco. Essa é uma realidade da história do cristianismo. O cristão do século XX é chamado a refletir sobre essa realidade, para descobrir qual é a 'força' do cristianismo. É também uma realidade que se impõe a quantos desejam compreender melhor a história do século passado"*
> (Andrea Riccardi, o.c. p. 12).

A Família Dehoniana participa dessa mesma realidade. No dia 11 de março de 2001 foi beatificado o P. João Maria da Cruz García Méndez SCJ (1891-1936), mas ele não é o único mártir dehoniano do século XX. Contaremos as histórias de diversos dehonianos, testemunhas da "frágil força" do cristianismo em muitos lugares. Procuramos desse modo responder ao convite de P. Virginio Bressanelli, para "recuperar a memória histórica daquelas figuras significativas de irmãs e irmãos nossos que podem ser modelos e estímulo para viver com maior intensidade a vocação e a missão que temos na Igreja e no Mundo de hoje"

(Carta à família Dehoniana, anunciando a beatificação de P. Méndez, Prot. 286/2000).

Carta da Administração Geral

Roma, 31 de Maio de 2004
Prot. N. 182/2004

Aos membros da Congregação dos Sacerdotes do Coração de Jesus

Dia da Memória Dehoniana

"Um sinal perene, mas hoje particularmente eloquente, da verdade do amor cristão, é a memória dos mártires. Não seja esquecido o seu testemunho"
(João Paulo II, Incarnationis mysterium, 13).

Caros confrades,

Dois acontecimentos especiais levam-nos a pensar naqueles que entre nós, no passado, testemunharam Jesus Cristo de forma exemplar: a aprovação do processo de beatificação do nosso Fundador e os 40 anos do martírio dos nossos missionários no Congo. São 28 religiosos que, em 1964, durante a revolução dos Simba , deram a vida por amor à evangelização. As mortes aconteceram no mês de Novembro: do dia 3 ao dia 27. No dia 26, foi morto o bispo de Wamba, mons. Joseph Albert Wittebols scj, juntamente com outros 6 missionários.

A Igreja sempre acreditou que os apóstolos e os mártires de Cristo que, pela efusão do seu sangue deram o supremo testemunho da fé e da caridade, estão conosco estreitamente unidos em Cristo, e venerou-os sempre com particular afeto..." (LG 50). Com o mesmo afeto queremos honrar os nossos irmãos dehonianos que deram a vida para servir a causa do Evangelho e estamos gratos a Deus por eles.

Já no ano de 2000, a 18 de Dezembro, o Superior Geral, P. Virgínio Bressanelli, ao anunciar à Congregação a aprovação do Decreto do martírio do Beato Juan Maria de la Cruz, publicava uma lista de outros mártires e convidava-nos a "recuperar a memória histórica das figuras significativas de irmãs e irmãos que podem ser modelos para vivermos com maior intensidade a vocação e a missão que temos na Igreja e no mundo de hoje". No mesmo ano, o P. Bernd Bothe, da Província Alemã (GE), publicava um opúsculo sobre cinco mártires dehonianos mortos durante a II Guerra Mundial (um alemão, dois luxemburgueses, um belga e um italiano) e fazia, também, referência a 11 holandeses mortos nos campos de concentração na Indonésia e no Congo; apresentava, ainda, uma breve biografia da beata Anuarite Nangapeta, religiosa congolesa da Sagrada Família, discípula dos bispos dehonianos mons. Camillo Verfaille e Mons. Wittebols. Além deles, devemos recordar três missionários franceses mortos nos Camarões em 1959 e um missionário holandês, da Província do Brasil do Norte (BS), que se tinha dedicado aos pescadores do Nordeste brasileiro, morto em 1975.

Todos eles "lavaram as suas vestes no sangue do Cordeiro" (Ap. 7,14) e realizaram o ideal do Fundador, que queria ser missionário e mártir. Com uma morte prematura, identificaram-se com Aquele que nos amou e deu a sua vida por nós (cf. Gal 2,20). A sua morte é consequência de uma opção de vida feita anteriormente e assumida com perseverança até ao fim. Eles inspiram-nos e fortificam-nos na nossa vocação e missão. Recordam-nos que o martírio poderá ser uma possibilidade de testemunho supremo para cada um de nós no horizonte da nossa vida, como consequência da fidelidade quotidiana ao Evangelho, assumida ao professar o seguimento de um carisma marcado pela oblação reparadora de Cristo.

Durante o XXI Capítulo Geral, por iniciativa da Província Alemã, foi aprovada a Recomendação n. 8: "O Capítulo Geral recomenda ao Governo Geral que promova o conhecimento, a divulgação e a celebração dos mártires dehonianos e das figuras significativas da nossa história".

O Governo Geral assume esta recomendação com um profundo sentido de agradecimento a Deus por todos os missionários e religiosos dehonianos que foram e são fiéis ao carisma e convida todos a honrar de modo particular os nossos mártires. Por isso, na sessão do Conselho Geral de 11 de Maio, instituiu o DIA DA MEMÓRIA DEHONIANA, que passará a ser celebrado todos os anos no dia 26 de Novembro, dia da morte de Mons. Wittebols, SCJ.

A morte de Mons. Wittebols, SCJ, com parte do seu presbitério, fala-nos de um testemunho na Igreja e com a Igreja, uma Igreja mártir e missionária. Por isso, cada missionário que deixa a sua pátria e a sua cultura para partilhar a sua vida com um povo de uma outra cultura, servindo-o pelo anúncio do Evangelho, acredita com a Igreja que conhecer e seguir Jesus Cristo é um bem para cada pessoa, povo e cultura. Este bem merece o dom da vida. A sua morte reassume a missão que a Congregação realizou no Congo graças a muitos dos seus filhos, fazendo germinar as sementes do Verbo" (AG), em terras nas quais a Igreja não tinha ainda chegado, sementes que se tornaram árvores frondosas, como a Arquidiocese de Kisangani, a Diocese de Wamba e outras. A sua morte é, igualmente, um momento alto da missão que a Congregação leva a cabo na Igreja, em muitos países e através de muitas formas de apostolado.

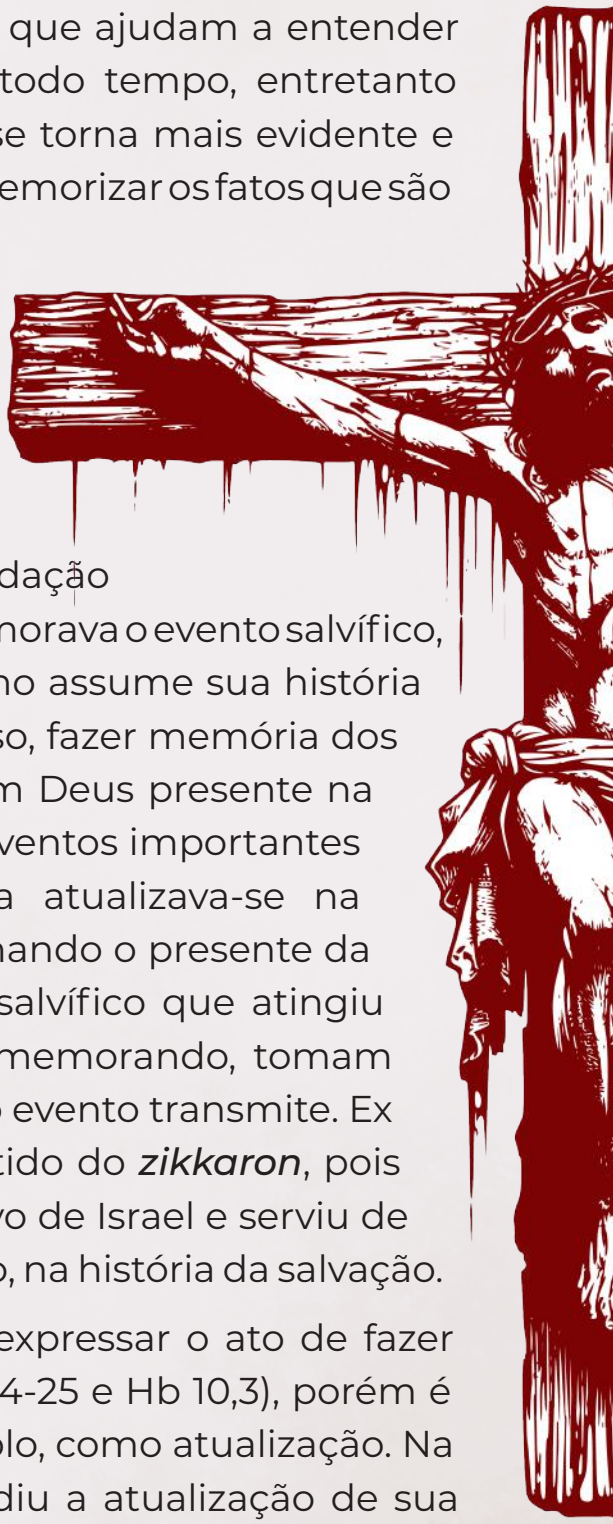
Que esta data seja oportunamente preparada e celebrada em todas as comunidades, sobretudo nas comunidades de formação, assim como com os leigos que colaboram nas nossas atividades pastorais, educativas e missionárias. Que a celebração deste dia se torne uma ocasião para conhecer e recordar aquelas pessoas que marcaram a história da Província/Região/Distrito e Congregação, ou uma determinada obra ou setor da nossa missão.

Contando com a intercessão do P. Dehon, do Beato Juan Maria de la Cruz e de todos aqueles que nos precederam no caminho para o Pai.

Fraternalmente no Coração de Cristo,
P. José Ornelas Carvalho SCJ
Superior Geral e seu Conselho

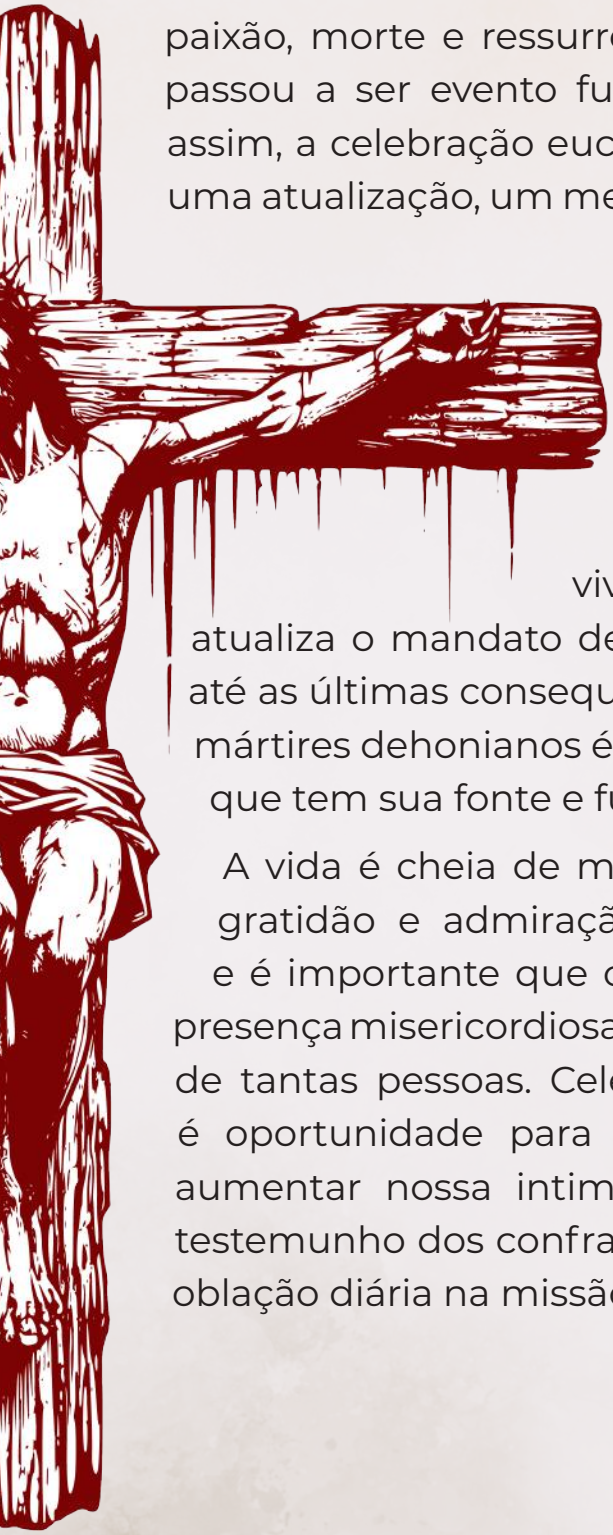
Recordar, memorizar e atualizar

Existem experiências individuais e coletivas que ajudam a entender a vontade de Deus. Deus manifesta-se a todo tempo, entretanto existem momentos em que Sua presença se torna mais evidente e marcante. Por isso, é importante recordar e memorizar os fatos que são carregados de maior significação, porque também propiciam maior inspiração para o presente.



Na história da salvação, o povo de Deus fez e viveu da memória. O termo zikkaron (Cf. Ex 12,14; 13,9; 17,14; Lv 23,2 e Is 44,21) constantemente foi empregado como recordação e memória, quando no culto judaico se rememorava o evento salvífico, com reserva de sentido. Assim, o ser humano assume sua história e percebe que Deus salva na história; por isso, fazer memória dos fatos é um ato de intimidade e contato com Deus presente na história da salvação. Fazendo memória de eventos importantes e significativos, a experiência de outrora atualizava-se na comunidade judaica, moldando e impulsionando o presente da comunidade. Fazendo memória, o evento salvífico que atingiu antes continua a alcançar aqueles que, rememorando, tomam consciência e assumem a significação que o evento transmite. Ex 12,1-14 é o texto que melhor expressa o sentido do ***zikkaron***, pois foi o acontecimento que mais marcou o povo de Israel e serviu de divisor de águas, em sentido literal e figurado, na história da salvação.

No Novo Testamento o termo usado para expressar o ato de fazer memória é anámnesis (Cf. Lc 22,19; 1 Cor 11,24-25 e Hb 10,3), porém é entendido num contexto litúrgico mais amplo, como atualização. Na Última Ceia, Nosso Senhor Jesus Cristo pediu a atualização de sua



paixão, morte e ressurreição (Cf. Lc 22,19) que, além de memorial, passou a ser evento fundante e antecipação escatológica. Sendo assim, a celebração eucarística não é apenas uma recordação, mas uma atualização, um memorial plenificado, de modo que quem dele participa conscientemente recebe todas as graças e benefícios.

A vivência sincera e coerente do carisma dehoniano é um desdobramento do sacrifício de Cristo. Todo religioso sacerdote do Sagrado Coração de Jesus que vive sua entrega desprendida e plena também atualiza o mandato de Cristo, ainda mais quem oferece sua vida até as últimas consequências, no martírio. Celebrar a memória dos mártires dehonianos é uma confirmação e atualização carismática que tem sua fonte e fundamento na oblação do próprio Cristo.

A vida é cheia de memórias; precisamos sempre recordar com gratidão e admiração. Deus não se esquece do ser humano e é importante que o ser humano aprenda a fazer memória da presença misericordiosa de Deus, manifesta no testemunho e doação de tantas pessoas. Celebrar a memória dos mártires dehonianos é oportunidade para recordar nossa história congregacional e aumentar nossa intimidade com Deus, que é amor-doação. O testemunho dos confrades mártires nos encoraja a vivermos nossa oblação diária na missão que recebemos como dom.



P. Fernando Teckler, SCJ
Convento Sagrado Coração
de Jesus, Brusque - SC



DIA DA MEMÓRIA DEHONIANA:

UM POUCO DE "TEOLOGIA MARTIRIAL"



Há duas décadas, todos os anos, em novembro, somos interpelados acerca da necessidade e da qualidade do nosso testemunho cristão, dehoniano, a partir dos confrades da Congregação que deram sua vida pelo "amor maior".

Há duas décadas, todos os anos, em novembro, somos interpelados acerca da necessidade e da qualidade do nosso testemunho cristão, dehoniano, a partir dos confrades da Congregação que deram sua vida pelo "amor maior". Quando da comunicação sobre a aprovação do decreto de martírio do Bem-aventurado Juan María de la Cruz, no ano de 2000, o então Superior Geral, P. Virginio Bressanelli, convidou-nos a "resgatar a memória histórica daquelas figuras significativas, irmãos e irmãs nossos, que podem ser modelos e estímulo para viver com maior intensidade a vocação e a missão que temos na Igreja e no mundo de hoje" (Lettere circolari di Virginio Bressanelli, volume 8, p. 606).

Em 2004, o Superior Geral, P. José Ornelas Carvalho, reagiu àquele convite instituindo o Dia da Memória Dehoniana, para ser comemorado a cada 26 de novembro, dia da morte de Dom Wittebols e de outros religiosos, no Congo: "A morte do Bispo Wittebols, com parte do seu presbitério, fala-nos de um testemunho na Igreja e com a Igreja, Igreja mártir e missionária" (Lettere circolari di José Ornelas Carvalho, volume 9, p. 135).

Jesus Cristo, a Testemunha fiel por excelência (cf. Ap 1,5), garante: "Quando vier o Espírito da verdade, que vem do Pai, dará testemunho de mim. Mas também vocês darão testemunho, porque estão comigo desde o princípio" (Jo 15,26-27). A μαρτυρία (martyría) é o testemunho explícito de amor, o coroamento da tríade κήρυγμα/διδαχή/μαρτυρία (kerigma - anúncio inicial; didaché - catequese doutrinal; martyría - testemunho radical). Esses três polos do lídimo cristianismo são indispensáveis e inseparáveis na vida cristã. A mais evidente comprovação disso é o cristianismo primitivo. Aqueles fiéis acolhiam e sabiam no que acreditavam e tal fé era confirmada e saboreada pelo aprofundamento doutrinal, além de comprovada e corroborada pelo testemunho radical. Jesus lhes assegurara que, na força do Espírito Santo, seriam suas testemunhas até os confins da terra (cf. At 1,8), de sorte que podiam afirmar:

"Nós e o Espírito Santo somos testemunhas dessas coisas"

(At 5,33).



Os Padres da Igreja compreendiam o martírio como imitação e atualização do martírio por excelência, o de Cristo. Após a perseguição oficial aos cristãos, o martírio nunca deixou de estar presente na história da Igreja. “Ontem como hoje, o sangue dos mártires toca o coração do ser humano e o torna fecundo” (Bento XVI, Agenzia Fides, 1º/12/2011). Como São Paulo, podemos dizer: “Não que já o tenha alcançado ou já seja perfeito; mas corro para ver se o alcanço... lançando-me para o que vem à frente” (Fl 3,12-13).

A Igreja primitiva considera mártir aquele que professa sua fé em Cristo e, por causa disso, derrama o próprio sangue. O cristão que derrama seu sangue é alguém que compreendeu a verdade fundamental do cristianismo, a ponto de por ela dar a vida; alguém capaz de viver de fato o cristianismo, mesmo nas situações mais adversas.

Os tempos mudaram e o testemunho requer novas e adequadas expressões. Depois do martírio clássico, a vida monástica significou um testemunho privilegiado. Seguiu-se o período das missões em terras distantes. As esporádicas (nem tão esporádicas...) perseguições representam a oportunidade do testemunho radical e foi ele que desafiou nossos confrades, em várias circunstâncias e diferentes lugares, como na Rebelião Simba (1964, no Congo) e durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945, especialmente na Europa).

Há quem desqualifique ou ao menos relativize o martírio de nossos confrades no Congo. O argumento para tal é que os rebeldes simbas os assassinaram porque os representantes das potências colonizadoras, quando não eles próprios, eram exploradores. Contudo, esses irmãos não foram missionar na África em nome do colonialismo. Por certo não eram perfeitos, mas o muito que fizeram bem feito foi por motivação

testemunhal. Lá foram, não por ambição colonizadora, mas por doação evangelizadora. Lá obraram, não por seus países de origem, mas em nome da Igreja católica/cristã.

Lá permaneceram, não para conquistar riqueza, mas por amor a Jesus Cristo e por aqueles que em seu nome serviam. Logo, não recusemos as honras do martírio a quem não recusou o martírio das honras!

O mesmo vale para os muitos cristãos que foram mártires nos campos de concentração, como testemunho contra um sistema imperialista que dizimou milhares (milhões) de vidas, especialmente judias. Ou aqueles que, em diferentes circunstâncias, deram provas da radicalidade testemunhal, como Juan María de la Cruz, na Revolução Espanhola (1936-1939).

Hoje, talvez, a exigência maior do martírio, para a maioria de nós, seja o testemunho na vida ordinária, na monotonia do dia a dia, sem a veste do heroísmo reconhecido, nem a chancela dos holofotes. Tanto agora, como outrora, o mártir adere livre e voluntariamente ao testemunho. Adesão voluntária, no entanto, não significa buscar o martírio pela temeridade, mas pela genuína caridade. Há de ser consequência da habitual vida em Cristo. Em nossos meridianos não vivemos perseguições sistemáticas contra a Igreja, que geram o "martírio vermelho", mas presenciamos o "martírio branco", contra fiéis que assumem causas sociais e ecológicas em nome da fé. Fixemos o olhar na ação pastoral de tantos "mártires" que se queimam nas comunidades, qual chama viva, para animar a luta dos empobrecidos.

O martírio sempre foi uma expressão privilegiada da ***imitatio Christi***. O certo, porém, é que a i***mitatio Christi*** nem sempre se expressou pela mesma ***actio in Christo***. De qualquer forma,

"O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres... ou, se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas"

(Paulo VI, EN 41).



P. Mariano Weizenmann, SCJ
Paróquia São Luís Gonzaga,Brusque - SC



GALERIA DOS
MÁRTIRES DEHON



P. Franz Stanislaus Löh, SCJ
1879 - 1941 | ALEMANHA



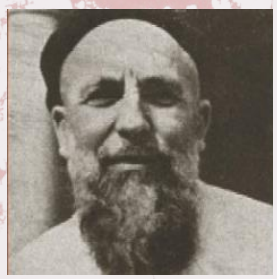
P. Kristiaan Hubertus Muermans, SCJ
1909 - 1945 | ALEMANHA



P. Joseph Tegels, SCJ
1923 - 1961 | CONGO



P. Nicola Martino Capelli, SCJ
1912 - 1944 | ITÁLIA



P. Aquilino Bernardo Longo, SCJ
1907 - 1964 | CONGO



Dom Joseph Wittebols, SCJ
1912 - 1964 | CONGO



P. Joseph Bendikt Stoffels, SCJ
1895 - 1942 | ÁUSTRIA



P. Henri van der Vegt, SCJ
1861 - 1936 | CONGO



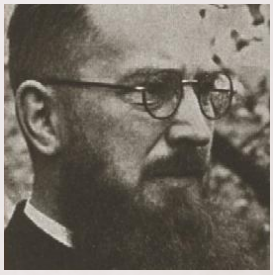
P. Henrique Hams, SCJ
1918 - 1964 | CONGO



P. Nicolas Wampach, SCJ
1909 - 1942 | ÁUSTRIA



P. Guilherme Vranken,, SCJ
1929 - 1964 | CONGO



P. Jean de Vries, SCJ
1911 - 1964 | CONGO

IANOS



Beato Juan Maria de la Cruz, SCJ
1861 - 1936 | ESPANHA



P. François ten Bosch, SCJ
1913 - 1964 | CONGO



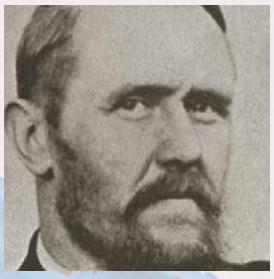
P. Pedro van de Biggelaar, SCJ
1918 - 1964 | CONGO



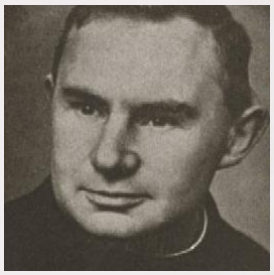
P. Gerard Nieuwkamp, SCJ
1932 - 1964 | CONGO



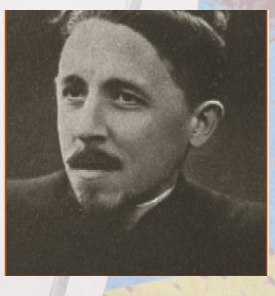
P. Jean Slenter, SCJ
1921 - 1964 | CONGO



Ir. Damien Brabers, SCJ
1905 - 1964 | CONGO



Ir. Henri Vanderbeek, SCJ
1912 - 1964 | CONGO



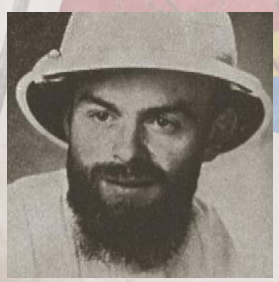
Ir. Aloysius Paps, SCJ
1921 - 1964 | CONGO



P. Charles Bellinkx, SCJ
1913 - 1964 | CONGO



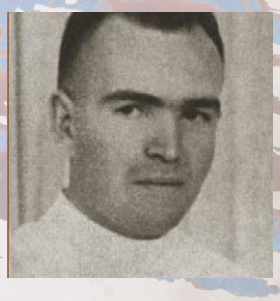
P. Leon Jansen, SCJ
1926 - 1964 | CONGO



P. Cristian Vandael, SCJ
1929 - 1964 | CONGO



P. Clémente Burnotte, SCJ
1930 - 1964 | CONGO



P. Jacques Moreau, SCJ
1934 - 1964 | CONGO



P. Jerôme Vandermoere , SCJ
1964 | CONGO



Ir. André Laureys, SCJ
1913 - 1964 | CONGO



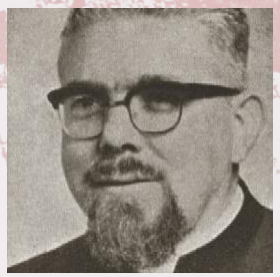
P. Amour Aubert, SCJ
1927 - 1964 | CONGO



P. José Conrad, SCJ
1915 - 1964 | CONGO



P. Henrique Verberne, SCJ
1924 - 1964 | CONGO



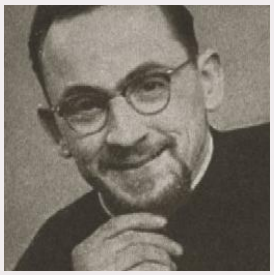
P. Hermano Bisschop, SCJ
1919 - 1964 | CONGO



P. Jean Trausch, SCJ
1918 - 1964 | CONGO



P. Arnold Schouwenberg, SCJ
1918 - 1964 | CONGO



Ir. Arnulf Schouwenberg, SCJ
1923 - 1964 | CONGO



P. Francis Xavier Musslin, SCJ
1916 - 1959 | CAMARÕES



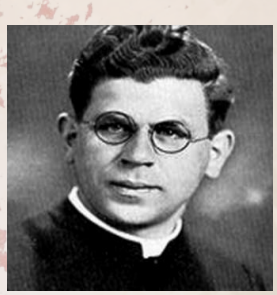
P. Lourenço Egidio Héberlé, SCJ
1907 - 1959 | CAMARÕES



Ir. Valentim Sarron, SCJ
1920 - 1959 | CAMARÕES



P. Petrus Mathias Cobben, SCJ
1903 - 1945 | INDONÉSIA



P. Andréas Gebbing, SCJ
1907 - 1945 | INDONÉSIA



P. Francisco Borgias Hofstad, SCJ
1904 - 1944 | INDONÉSIA



P. Isidorus Gabriel Mikkers, SCJ
1897 - 1944 | INDONÉSIA



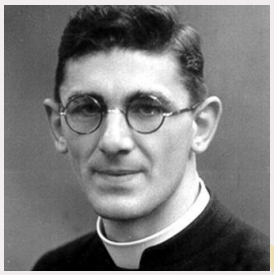
Ir. Mattheus Gerardus Schulte, SCJ
1897 - 1944 | INDONÉSIA



P. Theodorus Thomas Kappers, SCJ
1903 - 1944 | INDONÉSIA



P. Francisco J. Bosco van Iersel, SCJ
1908 - 1944 | INDONÉSIA



P. Pedro Nicasius van Eyck, SCJ
1907 - 1944 | INDONÉSIA



Ir. Wilfridus T. van der Werf, SCJ
1898 - 1944 | INDONÉSIA



P. Wilhelmus F. Hoffmann, SCJ
1910 - 1944 | INDONÉSIA



P. Henricus N. van Oort, SCJ
1888 - 1944 | INDONÉSIA



P. Adriano Paulo Punt, SCJ
1913 - 1975 | BRASIL

A união com Cristo no martírio silencioso



Nosso fundador, P. Dehon, homem de uma fé profunda e de grande espiritualidade, era um contemplativo em ação, um homem que buscava unir sua vida à oblação de Cristo ao Pai em favor da humanidade (cf. Cst 2, 4d, 17). Princípio e centro de sua experiência de fé, ele contemplava essa união particularmente na vida e no testemunho dos mártires. Desde sua juventude, já expressava essa intuição que se perpetuaria em sua Congregação: "[Em Hazembrouck,] nos meus momentos de generosidade, eu aspirava ao martírio" (NHV 1, 58).

Sua vida de devoção sempre foi pautada pelo exemplo dos mártires que, unidos a Cristo, doaram suas vidas por Ele e pela Igreja. Entre os mártires que possivelmente mais o inspiravam estavam Santo Simeão, cuja memória coincide com sua data de nascimento (cf. NHV 1, 2); Santa Grimonie (Germana), padroeira da Paróquia de La Capelle (cf. NHV 6, 145); São Quintino, titular da Basílica e da cidade onde viveu seus primeiros anos de ministério (cf. NQT 6, 141); e os santos mártires Estêvão, Inácio, Lourenço, Sebastião, Tarcísio e Denis, mencionados em sua litania diária (cf. NQT 39, 35).

Embora reconhecesse o derramamento de sangue como a expressão mais sublime de uma vida oblata, colocando os mártires no "primeiro lugar entre os heróis do cristianismo" (ASC 5, 202), a compreensão do martírio em P. Dehon transcende essa realidade. Sua visão enfatiza não apenas a dor, mas também o amor que motiva e sustenta cada ato de entrega. Nesse contexto, para ele o mártir, ao entregar sua vida, não apenas imita Cristo, mas também participa de sua obra redentora, unindo-se a Ele e tornando-

se um instrumento de evangelização. Assim, o martírio se revela como uma expressão profunda do amor incondicional de Cristo pela humanidade, um amor que se manifesta em cada sacrifício e em cada oferta verdadeira.

Dessa forma, P. Dehon acreditava que, além dos mártires de sangue, todos aqueles que se unem a Cristo e dedicam suas vidas a aliviar o sofrimento dos outros ou a evangelizar, sobretudo diante de dificuldades e perseguições, tornam-se mártires ao sacrificarem suas vidas em união e amor a Cristo. Em uma de suas obras, ele afirma: “Todos aqueles que sacrificaram suas vidas nas lutas e perigos do apostolado sob todas as suas formas são mártires da caridade. Eles enfrentaram o cansaço, as doenças, as dificuldades climáticas e a hostilidade dos infiéis para ajudar aqueles que sofrem ou que estão nas trevas da idolatria” (ASC 4, 65).

P. Dehon também leu sua vida sob essa perspectiva. No último ano de sua vida terrena, como revela seu diário, ele refletiu sobre esse conceito com um olhar introspectivo, reconhecendo que sua vida também foi um martírio. Em janeiro de 1925, ao abrir o último caderno de seu diário, expressou a percepção de que sua vida se aproximava do fim: “Minha carreira termina, é o crepúsculo da minha vida” (NQT 45, 1). Reconhecendo suas falhas, colocou sua confiança na misericórdia do Sagrado Coração. De maneira tocante, compartilha seu ideal de juventude: ser missionário e mártir (cf. NQT 45, 1). E para ele esse desejo se concretizava. Identificava-se como missionário através dos “cem missionários e mais” (cf. NQT 45, 1), que sustentava em várias partes do mundo, e se reconhecia também como mártir pelas consequências de seu voto de vítima, especialmente entre os anos de 1878 e 1884, com todos despojamentos e aniquilamentos, até o consummatum est (cf. NQT 45, 1).

Entre rosas e espinhos, esses anos representaram um período muito desafiador na vida de nosso fundador. Durante o processo de fundação da Congregação, por exemplo, P. Dehon enfrentou muitas resistências, inclusive de seu próprio pai que, embora tivesse aceitado sua vocação sacerdotal e compartilhado a alegria de sua ordenação, nutria o desejo de uma carreira eclesiástica diferente para o filho, como o episcopado. A fundação da Congregação o desorientava e se tornava uma fonte de sofrimento para ambos (cf. NHV 14, 67).

No contexto político, a Terceira República da França, em seu projeto de

laicidade, emitiu um decreto em março de 1880, exigindo que todas as congregações religiosas solicitassem autorização para funcionarem ou seriam dissolvidas. Esse decreto resultou em perseguições e expulsões, afetando diretamente a recém-fundada Congregação dos Oblatos e a Instituição São João, que P. Dehon lutava para manter (cf. NHV 13, 123; 14, 13). Medidas como a educação laica obrigatória e a secularização de espaços públicos também contribuíram para as adversidades que enfrentou (cf. NHV 14, 67).

Internamente, P. Dehon também lidou com sérios problemas. Em 1880, a morte de quatro irmãs das Servas do Sagrado Coração gerou um escândalo na imprensa maçônica, levantando rumores de envenenamento (cf. NHV 14, 17). Ele também perdeu um processo judicial envolvendo a herança de uma irmã falecida, resultando na perda de importantes recursos financeiros para a Congregação (cf. NHV 14, 16). Ademais, enfrentou conflitos com membros de "caracteres fracos" dentro de sua obra, causando dificuldades adicionais (cf. NHV 14, 68). Não bastasse, em 1881 a Instituição São João sofreu um grave incêndio (cf. NHV 14, 100).

Junto aos desafios externos e internos, nesse mesmo período P. Dehon enfrentava dificuldades pessoais e familiares. Sua saúde estava fragilizada (cf. NHV 13, 123) e seus pais também sofriam de problemas graves. Seu pai padecia de uma doença estomacal que se agravava, morrendo em 11 de fevereiro de 1882 (cf. NHV 14, 110), e sua mãe foi acometida por uma paralisia, falecendo em 19 de março de 1883 (cf. NHV 14, 163).

P. Dehon teve que lidar ainda com a resistência de algumas autoridades eclesiásticas, como a do bispo de Soissons, Monseigneur Thibaudier, que, por exemplo, só permitiu a fundação de um "pequeno colégio apostólico" em Fayet, sob a condição de que todas as exigências legais fossem atendidas (cf. NHV 14, 66).

A maior crise, porém, ocorreu entre 1883 e 1884, quando viveu o consummatum est, uma angústia e um sofrimento inesperado que não vieram do governo ou da sociedade civil, mas da própria Igreja que ele tanto amava e servia. Esse fato foi para P. Dehon uma experiência de profunda desolação, que ele interpretou como um chamado a viver em oblação e união com Cristo, em meio às cruzes e provações de sua missão apostólica (NHV 14, 205-208).

Confirma essa perspectiva algumas de suas últimas linhas, escritas em junho de 1925. P. Dehon volta a essa reflexão, detalhando como, após seu voto de vítima, suportou uma forma de martírio prolongado. A Providência, segundo ele, lhe retirou a saúde, os recursos e os parentes, submetendo-o a uma série de provações: incêndio, calúnias, ataques espirituais e, acima de tudo, as "suspeitas da santa Igreja romana". De forma dolorosa, menciona o processo do Santo Ofício e a condenação que resultou no Consummatum est. Para P. Dehon, esse martírio foi um martírio não sangrento, comparável ao sofrimento de São João Evangelista, um de seus santos padroeiros, que também suportou um martírio sem derramamento de sangue (cf. NQT 45, 85). Ao final de sua vida, P. Dehon viu seu sofrimento como um testemunho silencioso, uma vida de sofrimento silencioso que refletia sua própria espiritualidade.

O martírio não sangrento, para P. Dehon, não diminui a grandeza do sacrifício; ao contrário, reforça a ideia de que o amor e a oblação são expressões essenciais da vida cristã. Ele enfatiza que o amor é a verdadeira motivação que impulsiona a entrega de si mesmo e que, mesmo na ausência do martírio físico, a vida dedicada ao serviço de Deus e ao próximo é um testemunho poderoso.

Em conclusão, podemos dizer que P. Dehon compreendeu o martírio não apenas como uma morte violenta em nome da fé, mas como um caminho espiritual de sacrifício e entrega total, expresso pelos sofrimentos e desafios enfrentados ao longo da própria vida. Para ele, o verdadeiro martírio residia na conformidade e na união com Cristo, assim como na aceitação das provações como meios de participar mais plenamente da missão redentora do Sagrado Coração.

Por assim dizer, com a compreensão e o testemunho de nosso fundador compreendemos que o martírio não sangrento revela que a verdadeira entrega a Deus é frequentemente acompanhada de sofrimentos silenciosos e invisíveis, mas que são profundamente e igualmente frutuosos, se vividos em união com Cristo.



P. Nilson Helmann, SCJ
Paróquia Santuário Santa Rita de Cássia, Curitiba - PR





MARIA SANTÍSSIMA

A RAINHA DOS MÁRTIRES



Diác. José Ricardo H. Zorer, SCJ
Etapa Configurativa, Taubaté - SP

A devoção Mariana é manifestada na Igreja Católica sob os mais diferentes títulos atribuídos a Santíssima Virgem. Uma forma de homenagear e recordar o carinho materno da mãe do Salvador. Dentre os vários títulos que lhe são atribuídos, proponho uma breve reflexão sobre o seu título de Rainha dos Mártires.



Santo Afonso de Ligório, em sua reflexão sobre esses títulos pelos quais Nossa Senhora é invocada na Ladainha Lauretana, ensina que ela é, de fato, a Rainha dos mártires, por dois motivos: pela intensidade e pela duração das suas dores, superando as de todos os outros mártires.

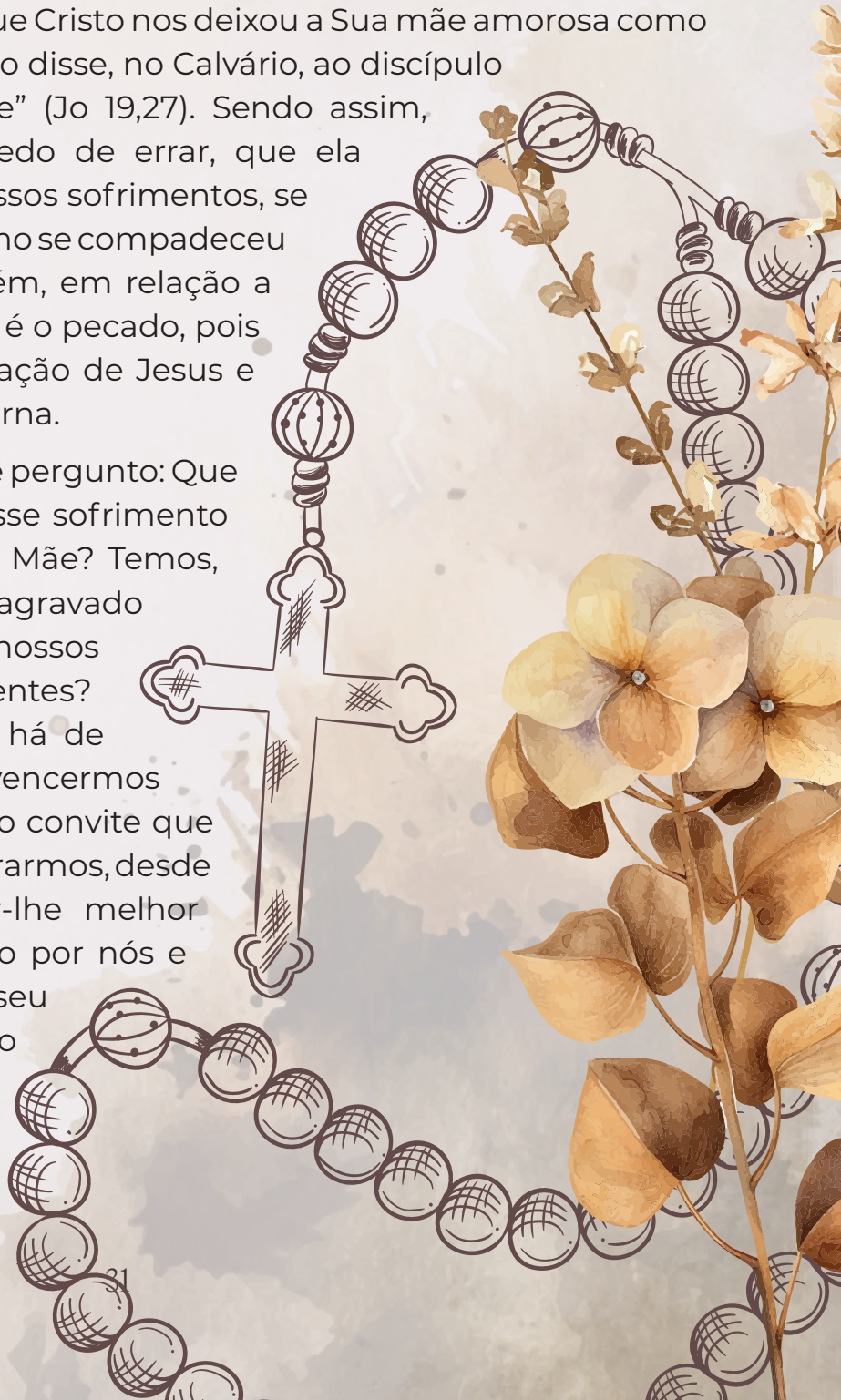
Quanto à duração, explica-nos o santo doutor que, desde quando Jesus era apenas uma criança, Maria Santíssima, pelo conhecimento que tinha das profecias referentes a seu Filho, já podia imaginar e pressentir o que o quanto Ele deveria padecer, e ela sofria muito por isso; durante a Paixão propriamente dita, tudo o que Cristo sofreu em seu corpo, ela sofreu terrivelmente em sua alma; por fim, mesmo depois que Cristo ressuscitou e subiu aos Céus, a lembrança de todos os Seus sofrimentos permaneceu muito viva em sua memória, de forma que essa mesma lembrança, somada

à ausência física de Jesus, a fez continuar sofrendo intensamente até a sua morte.

Quanto à intensidade da dor, ninguém a poderia descrever adequadamente. Costuma-se medir o tamanho de uma dor da alma, explica Santo Afonso, conforme o tamanho do amor que se tem por alguém. Como ninguém pode compreender o tamanho do amor de Maria Santíssima por Deus, por ser maior do que o de qualquer outra criatura, ninguém jamais poderá igualmente compreender o tamanho da dor que ela sentiu por causa da Paixão de seu amado Filho.

Nós, católicos, acreditamos que Cristo nos deixou a Sua mãe amorosa como também a nossa Mãe, quando disse, no Calvário, ao discípulo que amava: "Eis, aí, tua mãe" (Jo 19,27). Sendo assim, podemos acreditar, sem medo de errar, que ela também sofre diante dos nossos sofrimentos, se compadece de nós, assim como se compadeceu intensamente de Jesus. Porém, em relação a nós, a coisa que mais a aflige é o pecado, pois ele nos faz sofrer, fere o Coração de Jesus e pode nos levar à perdição eterna.

Diante dessa realidade, eu me pergunto: Que temos feito para abrandar esse sofrimento do coração de nossa amável Mãe? Temos, talvez, desgraçadamente, agravado ainda mais a sua dor com nossos pecados deliberados e conscientes? Quantas lágrimas ela ainda há de derramar por nós, até nos convencermos do seu amor? A partir disso, o convite que deve nos motivar é o de procurarmos, desde hoje, desde agora, retribuir-lhe melhor a tudo o que ela já tem feito por nós e o de nos refugiarmos em seu Imaculado Coração quando o sofrimento também bater à nossa porta.



1936 | Padre Juan María de la Cruz, SCJ

A vida e o martírio de P. Mendez, SCJ introduzem-nos num dos capítulos mais obscuros da recente história espanhola: a perseguição religiosa durante a Guerra Civil de 1936 a 1939.



Mariano García Mendez nasceu no dia 25 de setembro de 1891, em San Esteban de los Patos (Província de Ávila). Era o primogênito de 15 irmãos. Depois de frequentar o seminário, foi ordenado sacerdote da diocese de Ávila e, como tal, trabalhou em diversas paróquias, até 1925. O seu profundo desejo de uma sempre maior perfeição o impelia para vida religiosa, porém várias tentativas falharam nesse sentido, por causa da sua pouca saúde.

Depois do noviciado em Novelda (Alicante), Mendez emitiu os primeiros votos no dia 31 de outubro de 1926 e, nessa ocasião, adotou o nome religioso de P. João Maria da Cruz. Depois de um período pouco feliz como professor na escola de Novelda, a partir de 1929 P. João viveu como padre itinerante, porque tinha a difícil missão de percorrer cidades e aldeias angariando fundos e recrutando candidatos para as escolas da Congregação.

A 23 de julho de 1936, P. João, em viagem para Valência, para encontrar refúgio junto a uma benfeitora da Congregação, "No trajeto da estação para a casa da senhora Pilar, passou diante da Igreja 'de los Juanes', no centro da cidade. Ali ele ficou aterrorizado quando presenciou o 'espetáculo horrível' de homens destruírem os objetos sagrados da paróquia e incendiarem a igreja. Em vez de passar adiante em silêncio, P. João não escondeu a sua indignação pelo incêndio da Igreja, manifestando esse sentimento aos malfeitores, que comentaram entre si: 'Aquele é um reacionário!', e ele responde: 'Não! Sou sacerdote!' Imediatamente os voluntários republicanos

o prenderam e o transferiram para o cárcere modelo de Valência. Mais tarde, testemunhas contam da vida sacerdotal exemplar de P. João na prisão, onde continuou fiel às suas práticas religiosas, desenvolveu um modesto ministério pastoral e se preparou para o martírio... Na noite de 23 para 24 de agosto de 1936, junto com nove outros prisioneiros, P. João foi fuzilado ao sul de Valência. No dia 24 de agosto os cadáveres das vítimas foram jogados numa fossa comum no cemitério de Silla" (Bothe, Sacerdoti del Sacro Cuore Martiri, p. 14).

Em 1940, os restos mortais de P. João foram desenterrados e transladados para Puente la Reina (Navarra). Em 1959 deu-se o primeiro passo para a abertura do processo de sua beatificação. Por fim, no dia 11 de março de 2001 o Papa João Paulo II o proclamou beato, juntamente com outros mártires espanhóis.

1941 | P. Franz Loh, SCJ

Martin Bormann escreveu, nos anos 30: "O nacionalismo e o cristianismo não combinam. O único a influenciar o povo deve ser o Führer e tudo o que não contribui para isso deve ser abolido".



O combate à religião na Alemanha daquela época teve várias facetas: a supressão do partido católico, das associações de jovens, da imprensa católica, a intimidação policial e as prisões arbitrárias.

Muitos religiosos acabaram por ser alvo dos nazistas. Em 1935 teve início uma série de processos contra religiosos, acusados genericamente de violar a lei ou de cometer abusos sexuais.

Desde 1920, o governo controlava a entrada de divisas estrangeiras. Isso acabou sendo um mecanismo para atingir as ordens religiosas. Muitas casas tinham sido construídas com crédito provindo do exterior. Por exemplo, a casa de Sittard, localizada na Holanda, de propriedade alemã, dependia de

fundos provenientes da Alemanha. Além do mais, as missões em outros países dependiam de recursos provenientes da Alemanha.

Em 1935, a nova legislação praticamente decretou a falência dos dehonianos na Alemanha. O Pe. Franz Loh, provincial de 1932 a 1936, procurou fazer chegar dinheiro a Sittard de modo clandestino. Teve que enfrentar um dilema de consciência, embora contasse com o apoio de todos os confrades.

Quando D. Philippe foi a Sittard ordenar confrades alemães, chegou a notícia de que a Gestapo tinha descoberto a operação através de um confrade alemão que entregara o ouro. Por causa disso, diversos alemães nem sequer voltaram para a Alemanha, ficando na Holanda.

Em abril de 1936 começou um processo em Krefeld, sendo que alguns dehonianos acusados já se encontravam na cadeia. Outros, entre os quais o P. Loh, estavam em fuga. Ao todo, 13 dehonianos foram processados, condenados à prisão e ao pagamento de multas. P. Loh, mesmo refugiado, foi condenado a 4 anos de trabalhos forçados e a uma multa de 500.000 marcos.

Mais tarde, P. Loh foi viver em Luxemburgo onde, com o início da guerra, refugiou-se num convento de freiras. Os nazistas, tendo invadido o país, descobriram-no e o levaram para Dusseldorf. Humilhado, não aguentou a prisão e veio a falecer a 20 de março de 1940 Além disso, era diabético. Os confrades só vieram a saber onde ele estava apenas uns dias antes de sua morte. Mesmo tendo seu corpo sido restituído aos confrades, não houve homilia nas exéquias, pois isso era proibido.

Em 1961 o tribunal de Krefeld reabilitou todos os sacerdotes do Coração de Jesus e anulou as sentenças proferidas.

1942 | P. Wampach, SCJ e P. Stoffels, SCJ

P. Joseph Benedikt Stoffels (13.01.1885, em Itzig, Luxemburgo) e P. Nicolas Antonius Wampach (03.11.1919, em Bilsdorf, Luxembugo), ambos dehonianos, trabalhavam na missão luxemburguesa em Paris, sediada na Igreja de São José Operário. P. Stoffels pode ser considerado o fundador dessa missão, passando a receber ajuda do Padre Wampach em 1938.

Padre Bothe escreveu o seguinte texto a respeito deles:

“Em 1940, quando os alemães invadiram Luxemburgo e muita gente fugia para Paris, os padres dehonianos passaram a prestar amparo a



esses prófugos e ajudaram muitos a voltar para Luxemburgo. Um jornal da época escreve: trata-se de um trabalho meramente caritativo. A Gestapo viu nisso, contudo, uma rede de espionagem. Depois de muitos interrogatórios, os dois padres foram presos a 7 de março de 1941 e foram primeiro mandados para o campo de concentração de Buchenwald, e depois para Dachau".

Oficialmente, eles morreram devido a alguma doença como bronquite, angina... As cinzas de P. Stoffels foram mandadas aos seus parentes. Nesses casos, os funerais deveriam ser feitos sob a vigilância da Gestapo, sem a participação da comunidade paroquial, quase clandestinamente, o que aconteceu a 31 de agosto de 1942.

"Somente após 40 anos soube-se que os dois padres tinham sido levados para o castelo de Hartheim, na Áustria, junto com outros dois padres luxemburgueses. O castelo fica perto de Linz, a 260 km de Dachau, e dispunha de uma câmara de gás para diversas experiências. As vítimas eram convidadas a se despirem e depois eram levadas para debaixo de uma ducha e morriam com o gás que saía das mesmas duchas". (Bothe, 21)

O castelo de Hartheim integrava o programa nazista de eutanásia. Naquele lugar, doentes e deficientes eram submetidos às mais diversas e cruéis experiências, antes de morrerem asfixiados por gás. P. Stoffels, que sofria do pulmão, foi transferido como inválido a Hartheim. Mais tarde, as câmaras serviram para experimento de diferentes gases asfixiantes.



O Padre Stofels foi assassinado em uma das câmaras de gás no dia 25.05.1942 e o P. Wampach, no dia 12.08.1942.

Na Igreja de S. José Operário, aos cuidados dos dehonianos até 1990, foi erigido um monumento para lembrar os mártires, onde está escrito: "Em memória eterna... Aqueles que sofreram e morreram pela fé, pela pátria, pela justiça e pela liberdade jamais serão esquecidos".

1944 | P. Martino Capelli, SCJ



Em 1931, depois de escutar uma conferência sobre os martírios ocorridos no México, Nicola Martino Capelli, jovem religioso, (prestou os primeiros votos 23.09.1930), escreveu:

"Ó Virgem dos mártires mexicanos, concedei-me que eu seja também um dia um mártir de Cristo Rei e vosso, Virgem Imaculada. Ó minha Mãe, eu vos escrevo ainda sob a comoção da conferência sobre o martírio no México. Estou certo de que por intercessão de seus mártires me concedereis essa graça. Vosso filho, fr. Martino Capelli".

Eis alguns traços da personalidade de P. Capelli, demonstrados quando ele foi chamado para ajudar os padres nos arredores de Castiglione: tinha uma grande devoção mariana, o sonho de ser encaminhado para as missões, uma esplêndida capacidade intelectual e, depois, revelou um grande entusiasmo pastoral.

A 23 de junho de 1944, os alemães ordenaram o despejo da casa de Castiglione para transformá-la em um hospital militar. A presença de tropas alemãs no grande edifício do escolasticado tornou ainda mais perigosa a convivência dos alunos, além da confusão permanente. Os padres foram distribuídos entre as várias paróquias da região e, a 6 de julho de 1944, a comunidade de Castiglione transferiu-se para Burzanella, perto de Castiglione.

No dia 29 de setembro de 1944, quando iam socorrer um ferido, Padre Capelli e Padre Comini, tidos como espiões, foram presos pelos alemães. Os soldados serviram-se deles para o transporte de munições, fazendo-os subir e descer o monte sob a vigilância deles. Os padres foram depois encarcerados, juntamente com um numeroso grupo de outros prisioneiros, em uma estrebaria da fiação de Pioppe de Salvaro. Depois de dois dias de cruel prisão, no domingo 1° de outubro, Padre Capelli e Padre Comini, juntamente com 44 prisioneiros, foram levados ao tanque da fiação e ali foram trucidados pelas metralhadoras das SS nazistas. Alguns, fingindo-se mortos sob o monte dos cadáveres, conseguiram salvar-se, depois da

saída dos soldados alemães. Um deles recordaria o último gesto sacerdotal do Padre Martino: ferido mortalmente, ele ergueu-se com dificuldade, pronunciou ainda algumas palavras e deu a bênção a todos. Fazendo aquele último gesto de bênção, ele caiu com os braços em cruz. Tinha somente 32 anos. Todos os seus vestígios e os dos outros mortos perderam-se alguns dias depois, quando foram abertas as entradas do tanque da fiação e a água arrastou os corpos para o rio Reno.

"Um dia, ó minha Mãe, nos tornaremos a ver no leito de morte de meu martírio" (Padre Capelli em sua Consagração à Virgem Imaculada, 8.12.1932).

1945 | P. Kristiaan Hubertus Muermans, SCJ

"Respondendo aos apelos de sua pátria humilhada, [Padre Muermans] empenhou-se em vários grupos de resistência. Em maio de 1941 eles caíram nas mãos da Gestapo, que acabou com eles." (Sint Unum, 1947)

O pouco que sabemos sobre o P. Muermans devemo-lo a P. Bothe. Nascido em 1909, Padre Muermans fez a primeirta profissão em 1928 e foi ordenado em 1933, em Louvain. Durante alguns anos ensinou no seminário de Tervuren. Quando começou a guerra, foi recrutado pelo exército belga. Em 1941 foi feito prisioneiro pelos alemães. Liberado em 1943, voltou para a Bélgica e retomou às aulas em Tervuren e Bruxelas.



Conforme uma carta que escreveu ao seu irmão Vim, Padre Kristiaan, voltando à Bélgica, integrou-se à resistência belga:

"Dedicou-se à imprensa clandestina e ajudou muitos jovens a se esconderem da Gestapo. Quando a Gestapo descobriu suas atividades prendeu-o na presença dos seus alunos. Depois de passar alguns dias na cadeia de Bruxelas foi transferido sucessivamente para os campos de Buchenwald, Ellrich, Harzungen e Dora, onde morreu a 16 de fevereiro de 1945, poucas semanas antes da libertação daquele campo de concentração pelos americanos".

Sabemos que P. Muermans morreu numa das 40 seções do campo de Mittelbau-Dora, em Bkankenburg. Em Dora produziam-se armas para o exército alemão. Elas eram fabricadas em um subterrâneo: um gigantesco túnel de 20 km e 30 metros de altura. Havia 60 mil prisioneiros, tratados como escravos. Destes, uns 20 mil morreram, entre eles o Padre Muermans. As circunstâncias de sua morte são desconhecidas.

Cinismo da história: após a libertação do campo, os americanos mandaram os mísseis que encontraram, mais de uma centena, a engenheiros alemães nos Estados Unidos, para aperfeiçoamento da indústria das armas. Quando os russos chegaram, instalaram-se no campo para produzir a bomba V2. Depois transferiram quase toda a fábrica para a Rússia.

Padre Muermans não deixou nada escrito. O seu compromisso em favor dos jovens, na resistência, custou-lhe a vida. André Jarlan, morto no Chile, refere-se deste modo a esse tipo de mártires:

"Aqueles que fazem viver são os que oferecem sua vida, não aqueles que a tiram. Para nós, a ressurreição não é um mito, mas uma realidade. Esse fato, que nós celebramos em cada Eucaristia, nos confirma que vale a pena dar a vida pelos outros" (Riccardi, il secolo del martírio).

1944-1945 | 11 CONFRADES HOLANDESES NO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO JAPONÊS

A morte de 11 confrades holandeses no campo de concentração japonês de Muntok, na ilha de Bangka, Indonésia, nos anos 1944/45, faz parte de uma história muito complicada. Tais mortes se misturaram aos crimes de guerra dos japoneses contra a população civil, com a queda da Holanda como potência colonialista e o movimento de independência da Indonésia, mais a guerra como um todo. Todos esses elementos dificultaram um julgamento sobre as causas que levaram os confrades à morte. Talvez por isso mesmo tenham caído no esquecimento.

A 15 de fevereiro de 1942, as tropas japonesas conquistam e ocuparam Palembang, Sumatra, ilha pertencente ao então império holandês. Após a invasão japonesa a missão religiosa não era proibida. Tudo mudou a partir de 1° de abril de 1942, quando todos os europeus foram recolhidos: os homens, na prisão de Palembang; as mulheres e crianças, em algumas residências europeias. Mais tarde, os japoneses construíram dois campos de concentração.



Essas pessoas ficariam presas nesses campos por cerca de 17 meses. Mas o maior problema era a alimentação escassa e a falta de medicamentos. Só depois que alguns morreram os médicos interviram. Nesses campos, os internados organizaram a sua vida com escola, funções religiosas, tudo dentro da área de arame farpado.

No período entre julho e agosto de 1943, os japoneses passaram a perseguir os considerados colaboradores dos aliados. Muitos europeus foram levados ao campo de Muntok, na ilha de Bangka, uma região árida e inóspita. A ração diária de comida variava entre 100 e 300 gramas de arroz. A desnutrição enfraqueceu as pessoas, de modo a impedir qualquer outra atividade, até a participação nos funerais de quem viesse a morrer.

Somente no campo de Muntok morreram 250 homens, de um total de 942. Nesse contexto, onze dehonianos não sobreviveram:

01. P. Heinrich Norbert van Oort,

02. P. Peter Matthias Cobbern,

03. P. Francis Hofstad,

04. P. Isidore Gabriel Mikkers,

05. P. Theodore Thomas Kappers,

06. P. Andrew Gebbing,

07. P. Peter Nicasius van Eyk,

08. P. Francis John v. Iersel,

09. P. Wilhelm Francisc Hoffmann,

10. Ir. Matthew Gerard Schulte,

11. Ir. Wilfrid Theodore van der Werf.

Em fevereiro de 1945 os prisioneiros foram de novo transferidos, dessa feita para Belalau (sul de Sumatra), onde as condições eram melhores.

A 24 de agosto de 1945, depois de 40 meses de internação, o comandante japonês anunciou o armistício de Manila, que encerrou a guerra no Pacífico. Um sobrevivente dehoniano escreveu:

"Por alguns instantes todos ficaram calados. De repente explodiu um "Hurra". No nosso bloco alguém entoa logo um te Deum".

1959 | P. Hébérle, P. Mussling e Ir. Sarron

Em vários lugares de África os anos depois da Segunda Guerra seriam caracterizados pelos processos de independência nacional. Os Camarões foram divididos em dois territórios, confiados pelas Nações Unidas à França e ao Reino Unido. Na parte francesa, entre 1945 e 1960 surgiram mais de 100 partidos políticos. O movimento de independência ganhou força a partir de 1950, com cenas de violência. Em 1958, a França concedeu independência aos Camarões.



Padre Héberlé, dehoniano francês, com mais de 25 anos de Camarões, analisou assim a situação da época:

"Os camaroneses são caracterizados pelo seu interesse comunitário. Querem uma verdadeira emancipação. Atribuem os seus problemas atuais à sua incapacidade de gerir, consequência da tutela colonialista de outrora. Tudo o que vem do Ocidente é considerado como colonialismo aberrante, interesseiro e opressor. A Igreja católica, percebendo essa característica, passa a responsabilidade para as mãos do clero local e abandona a política ocidental, denunciando as consequências nefastas do laicismo e do materialismo ocidentais"

(carta em "Vie cathelique" 28.8.1960).

Padre Héberlé apoiou esses passos. Quando foi de férias à França, em 1959, muitos insistiram que ele não voltasse para Camarões. Porém, numa carta



de setembro de 59, ele explicou deste modo a sua insistência em regressar:

"Tive de lutar contra mim mesmo e contra todos os meus sentimentos familiares, contra os meus. Em tais circunstâncias, é preciso compreender o que significa morrer para si mesmo e renunciar a tudo para seguir Nosso Senhor e carregar sua cruz. Se voltei para a minha missão, fi-lo só para cumprir a vontade de Jesus Cristo, para estar junto das almas que Deus me confiou e pelas quais sou responsável diante dele. Por isso, na situação que atravesso é preciso uma fé inabalável, uma confiança absoluta, uma caridade sem nódoa. Para nós, padres e cristãos, é o momento da provação. Deus nos prova com o fogo e com o sangue. Seja feita a sua vontade. Isso nos leva a consagrar-nos totalmente a seu serviço e a alcançar com nossos sacrifícios a sua cruz" (9 de setembro de 1959).



A 30 de agosto de 1959 P. Mussling foi morto na sua missão. A 29 de novembro a missão de Banka-Banfang foi tomada de assalto e o Padre Héberlé foi o primeiro a ser atingido por uma bala, sendo depois decapitado. Irmão Sarron conseguiu escapar, mas depois foi encontrado e decapitado. Junto com eles morreram um padre e um catequista camaroneses.

1964 | Vítimas no Congo

Em 1960 o Congo obteve a independência da Bélgica. A história dos anos seguintes foi dramática. Em 1961 o primeiro ministro Patrice Lumumba foi assassinado e o país foi sacudido por explosões de violência dos seus simpatizantes, liderados por Pierre Mulele, que pregava a libertação total, com a expulsão dos europeus, do cristianismo e a eliminação do governo de Kinshasa.

Em 1964 a situação se agravou. A cidade de Wamba foi ocupada pelos rebeldes e o bispo, Dom Wittebols, junto com outros missionários, foi obrigado a caminhar com os pés descalços, enquanto os rebeldes batiam neles. D. Wittebols morreu em consequência dos golpes e porque, sem seus óculos, caía a toda hora. Os presos foram maltratados pela multidão e fuzilados no pátio da cadeia. Os seus corpos foram esquartejados. A Congregação perdeu 28 confrades em todo o Congo entre 1961 e 1964 (belgas, luxemburgueses, holandeses e um italiano) :

O Servo de Deus Bernardo Longo foi morto a 3 de novembro de 1964 em Mambasa. Pouco antes de morrer, deixou escrito num diário, achado bem mais tarde, o seu depoimento:

"Ainda bem que o Sagrado Coração me dá tanta força neste tempo e me põe na boca tantas jaculatórias, de modo que consigo resistir. Antes do anoitecer faço um passeio até à casa das irmãs missionárias. Asseguro-as de que estamos sob a proteção da Virgem Maria e que devemos nos entregar completamente à vontade do Senhor, mesmo que tenhamos que cair sob os tiros de espingarda" (Diário do P. Longo, 29.09.1964).

"Por amor ao evangelho, os missionários tinham deixado a pátria e, por amor ao evangelho, ficaram quando a tempestade veio. Poderiam ter-se retirado. Assim, por causa de Cristo e da Igreja, foram perseguidos e fuzilados, configurando-se um verdadeiro martírio" (A. Tessarolo, Bernardo Longo - missionário e mártir da caridade, p. 232).

01. P. Joseph Tegels,
02. P. Aquilino Bernardo Longo,
03. Dom Joseph Wittebols,
04. P. Henri van der Vegt,
05. P. Jean de Vries,
06. P. Henrique Hams,
07. P. François ten Bosch,
08. P. Pedro van de Biggelaar,
09. P. Gerard Nieuwkamp,
10. P. Jean Slenter,
11. Ir. Damien Brabers,
12. Ir. Henri Vanderbeek,
13. Ir. Aloysius Paps,
14. P. Charles Bellinkx,
15. P. Leon Jansen,
16. P. Cristian Vandael,
17. Clémente Burnotte,
18. P. Jacques Moreau,
19. P. Jerôme Vandermoere,
20. Ir. André Laureys,
21. P. Amour Aubert,
22. P. José Conrad,
23. P. Henrique Verberne,
24. P. Hermano Bisschop,
25. P. Jean Trausch,
26. P.Arnold Schouwenberg,
27. Ir. Arnulf Schouwenberg,
28. P. Guilherme Vranken.



1975 | P. Paulo Punt



Padre Paulo Punt nasceu na Holanda em 1913 e chegou ao Nordeste do Brasil em 1936. Ordenado em 1941, exerceu o ministério em diversas paróquias. Em 1968 ele optou por começar um novo trabalho, no distrito de Tamandaré, estado de Pernambuco, PE, onde também exercia o trabalho de pescador, de forma profissional. Olhando para a difícil situação em que viviam os pescadores, aos poucos ele os ajudou a se organizarem e fundou uma colônia (cooperativa profissional).
Por ser uma cidade portuária, em Tamandaré havia uma forte prática de contrabando de bebidas e eletrodomésticos. P. Paulo foi tomando conhecimento disso e, vendo que os pescadores poderiam ser envolvidos inocentemente e, assim, serem prejudicados, por várias vezes denunciou o fato às autoridades competentes e, com isso, começou a angariar inimigos e perseguições contra ele.

Tentando afastar Padre Paulo foram feitas ao governo denúncias de que ele era comunista, o que, na época da ditadura militar que havia no país, era algo bastante grave. Mas os próprios órgãos de segurança nacional constataram que tudo não passava de infundadas denúncias.

Por várias vezes, temendo pela vida do confrade, o então Provincial, Padre Pedro Neefs, tentou persuadi-lo a deixar Tamandaré; porém, mesmo sabendo do risco de vida que corria, ele entendia que ali era o seu lugar. Apostando na vida, Padre Paulo não percebeu a trama que sordidamente era feita contra ele...

O dia 15 de dezembro de 1975 era festivo, por causa da conclusão do curso do ginásio local. No fim do dia, após todas as solenidades, um assassino dirigiu-se ao Padre Paulo e disparou três certeiros e mortais tiros, que acabaram com sua vida terrena.

Nessa história de uma vida consagrada aos pobres, aos simples e pequenos, o mais importante é que as balas assassinas não conseguiram tirar Padre Paulo da memória e do coração afetuoso do povo de Tamandaré.

Oração pela Congregação

Senhor Jesus, nós vos agradecemos, porque destes a Padre Dehon
a graça e a missão de enriquecer a Igreja com uma Congregação
destinada a viver o vosso amor e a vossa oblação.
Concedei-nos viver em solidariedade efetiva com os pobres,
como profetas do amor, ministros da reconciliação,
e servidores da comunhão, numa comunidade fraterna.
Tornai-nos sempre mais atentos e generosos
em procurar a vontade do Pai.
Reavivai em nós o espírito de Padre Dehon e
concedei que, a seu exemplo,
também nós sejamos disponíveis para anunciar
a vossa misericórdia e trabalhar pelo vosso reino.
Amém.



CONGREGAÇÃO DOS SACERDOTES DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS
PROVÍNCIA BRM